

# As Contribuições dos Estudos sobre Memória e História Oral no Mundo Acadêmico e na Sociedade

Maria Eloisa Cavalheiro <sup>1</sup>

## Resumo:

Atualmente, é possível verificar um grande avanço no mundo acadêmico na utilização dos estudos sobre memória e história oral no processo de produção do conhecimento nas diversas áreas das ciências humanas, tais como a sociologia, a história, a filosofia, a antropologia e a psicologia. Por outro lado, verifica-se que a sociedade brasileira ainda precisa abrir seus olhos e perceber o quanto a memória e a experiência das pessoas mais velhas de nosso país podem contribuir para que se possa construir uma nação com mais educação e cultura, o que, conseqüentemente, tornará este país mais desenvolvido, mais justo e mais harmonioso. Este artigo tem como objetivo evidenciar a importância da utilização de fontes como a memória e a história oral na construção do conhecimento histórico. Também pretendemos verificar como a memória e a história oral podem contribuir na construção de identidades e na inserção social das pessoas mais velhas em nossa sociedade.

**Palavras-chave:** memória, história oral, identidade nacional, sociedade.

## Abstract:

Currently, it is possible to verify a great progress in the academic world in the use of the studies about memory and oral history in the process of production of the

knowledge in the several areas of the humanities, such as sociology, history, anthropology and psychology. On the other hand, it is verified that the Brazilian society still needs to open its eyes and to notice that the memory and the experience of the oldest people of our country can contribute in order to build a nation with more education and culture: the one that, consequently, will turn this country more developed, fairer and more harmonious. The objective of this article is to evidence the importance of the use of sources such as the memory and the oral history in the construction of the historical knowledge. We also intend to verify how the memory and the oral history can contribute in the construction of identities and in the oldest people's social insert in our society.

**Keywords:** memory, oral history, national identity, society.

## Introdução

A memória e a lembrança são abaladas num contexto de alterações profundas, de divisões de valores e representações que ligam os indivíduos ao processo social. A memória hoje é fundamental porque a sociedade da informação, da técnica e da racionalidade econômico-consumista faz o tempo andar mais rápido, fala-se em tempo real, bem como das funcionalidades diferentes dos espaços e das coisas; os objetos perdem significados mais depressa, reduzindo seu tempo de duração e significação.

<sup>1</sup> Graduada em Administração de Empresas, Especialista em Mercosul e Desenvolvimento Regional, Mestra em História Regional - Universidade de Passo Fundo - UPF, Doutoranda em Desenvolvimento Regional - Universidade de Santa Cruz do Sul - UNISC. Bolsista do governo brasileiro - CAPES. Docente da FEAC- UPF. E-mail: mecavalheiro@yahoo.com.br

A esfera da memória e dos depoimentos orais, genealógicos e biográficos está contribuindo, e muito, para o campo de análise histórica, ligando temporalidades, fazendo-as se entrecruzar, bem como resgatando atores sociais silenciados, dimensões do real, muito pouco visíveis.

Nesse sentido, destaca-se ainda que contar histórias e lembrar o passado, como os nossos antepassados gostam de fazer, não significa apenas recordação verbalizada, significa sentimento, porque há resíduos dos tempos passados interessantes para o presente. Cada membro de uma geração posterior herda algo já da história, ainda que seja fragmentada, pois toda comunidade carrega dentro de si uma história multifacetada de trabalho de vida familiar e relações sociais à espera de alguém que a traga para fora.

Durante muito tempo, a história foi concebida como se sua tarefa consistisse apenas em manter viva a recordação de acontecimentos memoráveis segundo critérios que variaram nas distintas formações sociais e culturais. Essa função se limitou primeiramente a conservar na memória social um conhecimento perdurável de sucessos decisivos para a coesão da sociedade, a legitimação de seus governantes, o funcionamento das instituições políticas e eclesásticas assim como valores e símbolos populares.

O saber histórico girava em torno de certas imagens com capacidade de garantir uma formação compartilhada. Quase desde o princípio a história foi vista também como uma coleção de feitos exemplares e de situações paradigmáticas cuja compreensão prepara os indivíduos para a vida coletiva. O conhecimento do passado é um fator ativo do movimento da sociedade. O passado, o conhecimento histórico, pode funcionar ao serviço do conservantismo social ou ao serviço das lutas populares.

Nessa visão, destaca-se, portanto, a importância deste estudo em que a memória de tempos e de fatos é importante para uma reafirmação social tanto no espaço social quanto no acadêmico, para configurar valores que promoveram atitudes, projetos e padrões de vida, integrações e traumatismos culturais.

### **A relação entre memória e identidade nacional**

O resgate da memória de uma nação está diretamente relacionado com a questão da identidade nacional do povo dessa nação. No que se refere à

questão da identidade nacional, é preciso antes de qualquer coisa saber que ela representa um processo histórico, no qual estão presentes componentes que podem constituir a memória nacional de determinada nação. Na verdade, fala-se de processos de construção da identidade nacional.

Camargo afirma que “as opções de construção da identidade são múltiplas, no sentido de que tanto se pode proceder a uma elaboração construída a partir de mitos individuais (heróis, gênios) como de mitos coletivos (raça, união)”.<sup>2</sup>

O autor supracitado tem observado que “abre-se à discussão sobre se não existe mais memória identitária sendo renovada e reforçada no Brasil”.<sup>3</sup> A questão da identidade nacional não diz respeito apenas à nação brasileira. Muitos países estão, atualmente, em busca da cristalização de sua identidade nacional.

Cada nação do mundo sente uma necessidade de reforçar seus laços de identidade. Com o processo de globalização, as fronteiras culturais dos povos praticamente estão perdendo suas delimitações. As diferentes culturas nunca estiveram tão próximas. O convívio entre diferentes povos, muitas vezes, não tem sido pacífico. Praticamente nenhum país vive fechado em si mesmo. As relações entre as nações intensificaram-se e se tornaram mais complexas. Tal complexidade produziu novas maneiras de se estudar as relações que os diferentes povos estabelecem entre si.

Nesse sentido, faz-se necessário combinar as diferentes representações do mundo. É impossível, hoje, compreender um mundo cada vez mais complexo, se se acreditar que há somente uma única maneira de o representar ou se se limitar apenas a uma representação globalizante.

De acordo com Castells, a construção da identidade é a fonte de significado e experiência de um povo. Para o autor, identidade é um processo de construção do significado com base em um atributo cultural, ou ainda um conjunto de atributos culturais inter-relacionados, os quais prevalecem sobre outras fontes de significado.<sup>4</sup>

Existe uma propensão de constituição de identidades a partir de um intenso jogo de papéis sociais, que se associam a experiências e a níveis de realidade diversificados, quando não conflituosos e contraditórios. Cabe, então, analisar os pontos convergentes desses acontecimentos que melhor expliquem ou dêem uma noção mais concreta, a qual possibilite com que se entendam os acontecimentos históricos que colaboraram na formação e estruturação de

<sup>2</sup> CAMARGO, Fernando. Memória e identidade nacional na América Latina. In: *Usos de memórias*. Passo Fundo: Ediupf, 2002, p. 168.

<sup>3</sup> *Ibid.*, p. 164.

<sup>4</sup> CASTELLS, Manuel. *O poder da identidade*. São Paulo: Paz e Terra, 1999, p. 22-23.

particularidades e singularidades na construção da identidade de uma nação.

Segundo Montiel, o processo e a construção da identidade é uma luta constante entre as relações objetivas do poder material e simbólico, entre os esquemas práticos, através dos quais certos agentes classificam os outros agentes e avaliam suas posições, tanto nas relações objetivas como nas estratégias simbólicas de apresentação e de auto-representação.<sup>5</sup>

Para o autor supracitado, abre-se, então, um complexo processo de reconfiguração das identidades culturais e nacionais, que por ora se manifestam como identidades híbridas, fragmentadas e transitórias, que favorecem o encontro e a fusão das identidades culturais tradicionais com manifestações emanadas do processo de globalização.<sup>6</sup>

É aqui que se começa a falar mais especificamente da relação existente entre memória e identidade nacional. A evolução das sociedades na segunda metade do século XX clarifica a importância do papel que a memória coletiva desempenha na busca da identidade nacional de determinado povo. A pluralidade étnica, regional cultural, sócio-econômica e política está desenhada no mapa de cada nação com as suas singularidades.

Através da memória é que são lembradas as narrativas vividas por um povo. Por meio desses processos de memorização, é possível perceber a carga emotiva presente em determinada sociedade. Símbolos patrióticos e identitários são reconhecidos. Um povo reconhece sua identidade nacional quando fatos relevantes de sua história permanecem guardados em sua memória. A memória de um povo pode revelar uma identidade nacional. Entretanto, se tal povo não tiver a iniciativa de fazer uma reflexão histórica sobre si através da memória, torna-se mais difícil o encontro dessa identidade.

A identidade nacional só será de fato alcançada, se não houver essa carência de legitimidade histórica no seio de determinada sociedade ou povo. A partir do exercício da reflexão histórica é que surge a consciência histórica de um povo. Ou seja, tal povo reconhece seu passado e o preserva através da memória coletiva ou social. É assim que um povo reencontra, no próprio seio de uma comunidade histórica, através de documentos escritos do passado e, depois, através dos testemunhos orais do presente, como ele viveu e vive o seu passado, como constituiu a sua memória coletiva e como essa memória lhe permite fazer face aos acontecimentos muito diferentes daqueles que fundam a sua memória numa mesma linha e encontrar ainda hoje a sua identidade.

Não se pode deixar de falar que esse processo histórico de construção da identidade nacional é evolutivo. Ou seja, em determinados momentos, diante de acontecimentos históricos relevantes os quais tal sociedade ou nação vivenciou, a memória coletiva dessa sociedade tende a “consolidar-se” com maior facilidade. É claro que cada sociedade apresenta uma história peculiar. Nesse sentido, cada sociedade se pergunta sobre o que representa o futuro. Segundo Lê Goff, “há memória, onde cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro”.<sup>7</sup>

A história das sociedades humanas tem sido marcada por inúmeras lutas em busca de liberdade política, econômica, social e cultural. Muitas vezes, essas lutas foram extremamente violentas e sangrentas. Vários povos encontram, em acontecimentos históricos como esses, critérios que utilizam para caracterizar sua identidade. É na memória de momentos históricos marcantes que cada sociedade encontra seus laços identitários. No entanto, estabelecer modelos que sirvam de parâmetro na busca da identidade é uma questão polêmica. Cada povo, por conta própria, define suas fórmulas, seus princípios, instrumentos e mecanismos de busca da identidade nacional. Certamente, é através dos traços culturais e da conservação da memória coletiva que determinado povo irá moldar sua identidade.

A consolidação da identidade nacional acaba gerando uma grande euforia na população. A evolução do nacionalismo pode atingir um ponto arriscado, que é o do nacionalismo exacerbado, o qual vem acompanhado de um forte sentimento de xenofobia. Esse ufanismo nacional é prejudicial, pois pode acarretar a difusão de idéias preconceituosas e discriminatórias entre determinadas sociedades. O choque de culturas distintas é um ponto bastante delicado. O encontro entre culturas com traços muito diferentes nem sempre é amistoso. Muitos povos transmitem, através da conservação da memória, uma tradição de aversão a determinados povos. Nesse sentido, a memória coletiva dessa sociedade cultiva de geração em geração esse sentimento xenófobo em relação a outra(s) sociedade(s).

A respeito da relação existente entre memória e o processo de construção de identidade nacional, devemos lembrar que as pessoas mais idosas guardam em sua memória fragmentos e retratos do passado, os quais são transmitidos ou difundidos ao longo dos tempos. Muitas dessas pessoas mais velhas dão grande ênfase ao sentimento nacionalista. Mesmo com a evolução das sociedades modernas de consumo, que,

<sup>5</sup> MONTIEL, Edgar. A nova ordem simbólica: a diversidade cultural na era da globalização. In: SIDEKUM, Antônio. (Org.). *Alteridade e multiculturalismo*. Ijuí: Unijuí, 2003, p. 21-26.

<sup>6</sup> *Ibid.*, p. 21-26.

<sup>7</sup> LE GOFF, Jacques. Memória. In: *Enciclopédia Eunadi*. Imprensa Nacional. Casa da Moeda. Lisboa, Portugal, 1984, p. 39.

principalmente nos países subdesenvolvidos, não valorizam muito a memória dos mais velhos, esse sentimento nacionalista ainda está na memória dessas pessoas.

Faz-se necessário evidenciar que os idosos podem ser os sujeitos que irão manter acesa a chama da memória nacional. Atualmente, em muitos países, os jovens não demonstram grande interesse em conservar ou alimentar sentimentos de identificação com sua nação. Até um passado recente, os jovens da maioria das nações orgulhavam-se em demonstrar sua identificação ou lealdade para com a sua pátria. Porém, ao longo dos anos, as coisas transformaram-se. As sociedades de hoje, extremamente materialistas e consumistas, acabaram mostrando aos jovens novos valores. Valores muito diferentes daqueles existentes em épocas passadas. Com isso, a busca dos sentimentos, ou dos laços de identidade e nacionalidade acabaram ficando de lado.

Vale mencionar que as formas como se estabelecem os laços que permitem agregar as pessoas em ideais de pertencimento ou de identidade são variáveis de sociedade para sociedade. Mas é interessante destacar que o resgate e a preservação da memória são fundamentais para a consolidação do processo de construção de identidades, principalmente a identidade nacional.

### **A memória como instrumento de inserção dos idosos na sociedade brasileira**

É possível perceber que a sociedade muitas vezes tem-se mostrado desinteressada com as necessidades e os anseios das pessoas mais idosas. A sociedade atual acaba rejeitando os velhos e, infelizmente, não oferece muitas alternativas de sobrevivência à sua obra ou à sua memória.

Pode-se dizer que os idosos têm um grande potencial educativo, quando são requisitados para resgatar a lembrança de experiências vividas, as quais estão contidas, com maior ou menor intensidade, em sua memória.

Para Both, “as lembranças dos velhos podem contribuir para o enriquecimento da percepção dos jovens, indicando por onde anda o sentido, o sofrimento, a virtude, o vício, a grandeza e a pequenez do destino humano dado por aqueles que andam pelo mesmo destino”.<sup>8</sup> Both ainda afirma que “a conversa evocativa de um velho é sempre uma experiência profunda: repassada de nostalgia, revolta, resignação, pelo

desfiguramento das paisagens caras, pela desaparecimento de entes amados; é semelhante a uma obra de arte”.<sup>9</sup>

As análises e observações de Both estão diretamente ligadas ao processo de ensino/aprendizagem dos jovens. É preciso buscar novas maneiras, novas práticas e metodologias de ensino que despertem nos jovens o interesse em adquirir conhecimentos numa forma diferente daquela que o ensino tradicional propicia. Nesse sentido, Both reconhece que “os conhecimentos dos mais velhos possuem ingredientes que transcendem as informações do ensino tradicional”.<sup>10</sup> Portanto, é evidente que fontes de ensino/aprendizagem como a memória e a história oral têm um imenso potencial educativo.

Quando se busca optar por um processo de ensino/aprendizagem que tenha como recurso a utilização da memória dos idosos, precisa-se saber que esse processo é composto por três principais atores ou protagonistas: os idosos, os educadores/professores e os alunos. Nesse processo, é preciso reconhecer o educador como “mediador entre a memória coletiva na voz dos mais velhos e os ouvintes ativos mais jovens na recepção crítica das lembranças em torno de temas que passam os três protagonistas da educação, cada um deles obtendo os benefícios diferenciados nas narrativas das lembranças”.<sup>11</sup>

Assim, “o discurso dos mais velhos em suas histórias orais pode ser tido como instrumentos de realização humana, pois traduz a condição a ser emancipada ou a ser tomada com seus objetos de paixão. Esse universo vivido e atualmente traduzido constitui-se também em uma via ou espaço constituidor do conhecimento”.<sup>12</sup>

Em nosso país, ao longo dos últimos anos, pesquisadores, educadores e governantes vêm discutindo, com mais intensidade, a questão que envolve a reforma educacional. Sem dúvida, essa é uma questão central que por muito tempo não recebia a devida atenção da sociedade brasileira de forma geral. Nesse período de significativas transformações pelas quais está passando a área da educação no Brasil, a utilização da memória como recurso pedagógico ganha cada vez força maior.

Benincá elaborou estudos a respeito da memória como elemento educativo. Para esse, “a memória revela as transformações ocorridas no modo de perceber e analisar a prática pedagógica; reconstituir as histórias individuais, as relações entre indivíduos e a escola, com o conhecimento, a leitura, a escrita, enfim com os processos de aprender e ensinar”.<sup>13</sup>

<sup>8</sup>BOTH, Agostinho. Memória, educação e velhice. In: *Usos de memórias*. Passo Fundo: Ediupf, 2002, p. 83.

<sup>9</sup>Ibid., p. 85.

<sup>10</sup>Ibid., p. 89.

<sup>11</sup>Ibid., p. 94.

<sup>12</sup>Ibid., p. 101.

<sup>13</sup>BENINCÁ, Elli. A memória como elemento educativo. In: *Usos de memórias*. Passo Fundo: Ediupf, 2002, p. 109.

Os idosos desejam desempenhar um papel na sociedade. Não querem ser reconhecidos apenas como idosos, velhos aposentados. Gostam de se sentir incluídos na sociedade, no convívio com as demais pessoas do seu meio. Desejam transmitir para as gerações mais jovens suas experiências vividas e que estão em sua memória. Não querem perder o direito de dar conselhos. Enfim, desejam ajudar os jovens através da transmissão dos seus conhecimentos adquiridos. Nossos idosos não querem perder o sentido de viver. Diante dessa realidade, “afirmam-se as possibilidades de existir dos mais velhos pelo trabalho da memória, ampliando-se o sentido de sua integridade e da autenticidade na formação da personalidade dos mais jovens”.<sup>14</sup>

Le Goff, ao elaborar um estudo sobre a importância da memória nas diferentes sociedades que existiram na história da humanidade, observou que “a Idade Média venerava os velhos, sobretudo porque via neles homens-memória, prestigiosos e úteis”.<sup>15</sup> Como na Idade Média a quase totalidade da população era analfabeta, era essencial que as pessoas mais velhas desenvolvessem com potencialidade sua memória e que, através dela, continuassem a transmitir, de geração a geração, os principais acontecimentos que ocorriam naquela época e em épocas passadas. Essa função de transmitir fatos relevantes da história humana através das gerações fazia com que os velhos da Idade Média tivessem um papel, uma utilidade naquela sociedade medieval.

Não se podem deixar os velhos perderem a oportunidade de realizar seu trabalho de reconstrução das suas memórias. De acordo com Tedesco, “os idosos querem ser os guardiões da memória e sentem a obrigação social de lembrar”.<sup>16</sup> Não é porque as pessoas vão envelhecendo que elas irão perdendo o seu direito de socialização. Ter um bom convívio com outras pessoas da sociedade é essencial para que o envelhecimento seja mais saudável.

Na realidade, o mundo moderno é feito para os jovens: a propaganda, a idéia de felicidade, os divertimentos, tudo se direciona para eles. Os próprios idosos só se sentem velhos depois que os outros os evitam, não lhes dão muita atenção e os repreendem por fazerem “coisas de jovens”. Um dos desafios da nossa época é, pois, manter os idosos integrados na sociedade, tanto pelo trabalho como por mudanças nas idéias e nas opiniões das pessoas a esse respeito.

Observa-se o desaparecimento de vínculos entre os indivíduos, eles perdem a conexão social com o lugar próprio, com sua memória e com os significados profundos. Como exemplo, pode-se citar a importância da fotografia dos álbuns de família, imagens, idéias, sons, ruídos e cheiros, material essencial para a reconstrução do espaço vivido e escondido nas profundezas da memória. O conhecimento é o processamento da informação, que é criado, recriado e armazenado na mente de cada pessoa.

No que se refere à relação existente entre memória, envelhecimento e sociedade, Ecléa Bosi faz uma análise muito pertinente a respeito dessa temática.

Na visão de Bosi, “além de ser um destino do indivíduo, a velhice é uma categoria social. Tem um estatuto contingente, pois cada sociedade vive de forma diferente o declínio biológico do homem. A sociedade industrial é maléfica para a velhice”.<sup>17</sup>

O que se tem observado na sociedade é a perda de contato entre as pessoas mais idosas com as mais jovens. É lamentável o fato de que os jovens não buscam reconhecer nos idosos a experiência de vida que trazem consigo, no seu ser, na sua memória. Poder-se-iam aprender muitas lições de vida com essas pessoas. Pior do que isso é o fato de se estar contribuindo para o fortalecimento de uma cultura de “desvalorização” de uma parcela da população da qual um dia também se fará parte. De acordo com Bosi,

“a velhice, que é fator natural como a cor da pele, é tomada preconceituosamente pelo outro. Há, no transcorrer da vida, momentos de crise de identificação: na adolescência também nossa imagem se quebra, mas o adolescente vive um período de transição, não de declínio. O velho sente-se um indivíduo diminuído, que luta para continuar sendo um homem. Como deveria ser uma sociedade para que, na velhice, o homem permaneça um homem? A resposta é radical: seria preciso que ele sempre tivesse sido tratado como homem. Mas tal não acontece: nesta sociedade pragmática, que desvaloriza o homem em favor da mercadoria e do lucro, é necessário lutar para conseguir direitos. Para que nenhuma humanidade seja excluída da humanidade é que as chamadas minorias têm lutado, que os grupos discriminados têm reagido: mulheres, negros, etc. mas o velho não tem armas. Nós é que temos que lutar por ele”.<sup>18</sup>

<sup>14</sup> Ibid., p. 124.

<sup>15</sup> LE GOFF, op.cit., 1984, p. 28.

<sup>16</sup> TEDESCO, João Carlos. *Memória e cultura: o coletivo, o individual, a oralidade e fragmentos de memórias de nonos*. Porto Alegre: Editora Est, 2001, p. 81.

<sup>17</sup> BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade. lembranças de velhos*. São Paulo: Cia. das Letras, 1990, p. 34.

<sup>18</sup> Ibid, p. 37.

Quando se fala de envelhecimento e sociedade, deve-se lembrar que a memória ocupa um papel fundamental nessa relação. É na memória que se reconhecem os elementos que irão dar a dinâmica para a vida de cada pessoa na sociedade. Assim, “a memória é moldada e integrada no universo social e vem acompanhada de um quadro de referências relacionado com o grupo do qual faz parte o sujeito evocador”.<sup>19</sup> Desse modo, é possível conceber a memória como uma espécie de operação seletiva dos acontecimentos e das interpretações sobre o passado, integrando-se em tentativas mais ou menos conscientes para definir e reforçar os sentimentos de pertencimento e as fronteiras sociais entre coletividades diferentes.

A respeito da sociedade atual e da forma como se relaciona com os idosos, é pertinente a análise de Bossi:

“[...] em nossa sociedade os fracos não podem ter defeitos; portanto, os velhos não podem errar. Deles esperamos infinita tolerância, perdão, ou abnegação servil pela família. Momentos de cólera, de esquecimento, de fraqueza são duramente cobrados aos idosos e podem ser o início de seu banimento do grupo familiar. Antes do afastamento definitivo há um declínio lento intermitente, acompanhado de dolorosa lucidez. Muitas vezes o idoso voraz do lucro e da eficácia repete: É assim mesmo que deve acontecer, a gente perde a serventia, dá lugar aos moços... Para que serve um velho, só para dar trabalho”.<sup>20</sup>

Para se reafirmar aqui o argumento de que os idosos nutrem a necessidade e o desejo de desempenhar um papel na sociedade, precisa-se redescobrir a sua memória. Essas pessoas certamente estão dispostas a partilhar suas experiências vividas. De acordo com Both,

“a memória é a vida que flui, mas resumida na corrente sanguínea dos mais velhos e que pode ser retomada pelos mais jovens na medida em que houver uma adequada mediação, que torne possível o passado alimentar o presente. A lembrança dos mais velhos sobre temas mais provocativos pode ser mais bem vista através da dimensão evocativa. A vida psicológica dos mais velhos pode produzir seus efeitos sobre eles e os mais jovens, ampliando-se a identidade de todos, seja pela constituição atual do valor das lembranças, seja pela narrativa mediadora da riqueza perceptual dos jovens”.<sup>21</sup>

O envelhecimento não pode ser visto como uma etapa da vida na qual as pessoas já não têm mais compromissos sociais. Infelizmente, a sociedade é responsável por essa forma de pensamento. A velhice é vista apenas como o instante que aproxima o ser humano da morte. O instante em que o homem renuncia a muitos de seus fazeres para acomodar-se e esperar que sua vida terrena termine de forma tranqüila. As relações sociais parecem não ter mais sentido na velhice. Deve-se mudar essa forma de pensamento, recuperar a auto-estima dos idosos que estão em nosso meio, e uma das maneiras de se fazer isso é através do incentivo à conservação da memória, das lembranças, da experiência histórica dessas pessoas.

Pode-se estabelecer com precisão uma relação entre inserção social dos idosos, com memória e também com a construção do conhecimento histórico. Os idosos podem contribuir, de forma fundamental, para a preservação da memória e para a reconstrução do passado. Diante das novas metodologias e formas de se produzir o conhecimento, através do uso de memórias e história oral, estabelecer contatos com os mais velhos é muito significativo, pois essas pessoas já presenciaram e viveram em contextos históricos diferentes.

Acima de tudo, a sociedade brasileira necessita se reeducar para reconhecer a importância dos idosos no convívio social. Suas memórias devem ser respeitadas e preservadas. Elas podem contribuir de alguma forma para a reconstrução de nosso passado. E o mais importante é que, através da recuperação da memória desses idosos, é possível mantê-los inseridos no meio social.

### Considerações Finais

As questões desenvolvidas no estudo deixam claro que é preciso reconstruir e repor, continuamente, as ferramentas e todo o instrumental necessário à preservação da memória social. Nesse sentido, o acontecimento memorável se situa no meio de seu desenvolvimento aberto para o futuro e da lembrança guardada do passado. Assim sendo, a memória está sujeita a manipulações, sobretudo no que diz respeito ao esquecimento tanto da memória individual quanto coletiva.

A memória social é seletiva e cada época escolhe, classifica e interpreta diferentemente o contingente de lembranças as quais precederam. A memória constitui um vasto mecanismo para confrontar constantemente o passado, o presente e o futuro, e isso quer dizer que a memória não retém senão o

<sup>19</sup> MAZZUCHI FERREIRA, M. L. Memória e velhice: do lugar das lembranças. In: LINS DE BARROS, M. M. *Velhice ou terceira idade? Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política*. Rio de Janeiro: FGV, 1998, p. 209.

<sup>20</sup> BOSI, op.cit., 1990, p. 38.

<sup>21</sup> BOTH, op.cit., 2002, p. 99.

excepcional, todo o cotidiano e todo o vulgar são postos de lado para sempre. A memória que se fixa por escrito é uma vez mais a do excepcional, dos fatos, dos gestos e das palavras que a história constrói sob os farrapos da memória.

Lembrar é reler, recriar, reconhecer e, sobretudo resgatar. É necessário libertar o que foi dito, feito, sonhado, desejado e ficou reprimido. Resgatar o que aconteceu e poderia ter acontecido. O olhar do velho em direção ao jovem é o olhar do historiador em direção ao passado, ambos fazem a releitura em busca de uma nova inserção no tempo. É necessária a devida atenção para as lembranças que sinalizam a historicidade, pois recuperar o passado através da memória dos velhos significa compreendê-lo e também analisá-lo através do resgate das obscurecidas significações que não chegaram a ser expressas.

A complexidade dos problemas sociais que fluem da herança cultural que move o mundo, da inversão de conceitos que norteia o campo de decisões, ou seja, decisões econômicas em detrimento das decisões políticas que endereçariam sua potencialidade contra as brutalidades cometidas às populações que passam por um mundo hostil às suas necessidades.

A solução estaria em humanizar o processo de globalização para que nenhum grupo seja excluído da dinâmica contemporânea. Fomentar as diferenças, compreender e amar o outro buscando valores durante toda a vida, através da educação, amenizando assim o abismo entre os idosos e os jovens, que se amplia ano a ano tanto entre as sociedades como dentro delas, em escala global e dentro de cada Estado.

Reconhecer as culturas diferentes e o surgimento de novas identidades para assegurar a democracia tolerante e a livre participação de todas as vozes da sociedade e, nesse caso, a educação é fator imprescindível para o melhoramento das condições de vida do ser humano, principalmente no que diz respeito ao isolacionismo do idoso.

Todavia, é importante não renunciar à memória dos acontecimentos, que atua como fundamento para compreender nossa situação atual, como ponto de partida para toda visão prospectiva.

Urge, nos dias atuais, a adoção de formas de convívio e critérios de reconhecimento que rompam e erradiquem a histórica e a estruturada política do “pré-concebível”, do “pré-formulado” e do segregacionismo social.

### Referências

- BENINCÁ, Elli. A memória como elemento educativo. In: **Usos de memórias**. Passo Fundo: Ediupf, 2002.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**. lembranças de velhos. São Paulo: Cia. das Letras, 1990.
- BOTH, Agostinho. Memória, educação e velhice. In: **Usos de memórias**. Passo Fundo: Ediupf, 2002.
- CAMARGO, Fernando. Memória e identidade nacional na América Latina. In: **Usos de memórias**. Passo Fundo: Ediupf, 2002.
- CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- LE GOFF, Jacques. Memória. In: **Enciclopédia Eunadi**. Imprensa Nacional. Casa da Moeda. Lisboa, Portugal, 1984.
- MAZZUCHI FERREIRA, M. L. Memória e velhice: do lugar das lembranças. In: LINS DE BARROS, M. M. **Velhice ou terceira idade? Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política**. Rio de Janeiro: FGV, 1998.
- MONTIEL, Edgar. A nova ordem simbólica: a diversidade cultural na era da globalização. In: SIDEKUM, Antônio. (Org.). **Alteridade e multiculturalismo**. Egeu: Unijuí, 2003.
- TEDESCO, João Carlos. **Memória e cultura: o coletivo, o individual, a oralidade e fragmentos de memórias de nonos**. Porto Alegre: Editora Est, 2001.